



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE GESTÃO PÚBLICA
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM GESTÃO PÚBLICA**

ROSEANNE MIKAELLE PEREIRA DE OLIVEIRA

A DINÂMICA DOS HOMICÍDIOS NA PARAÍBA

**SUMÉ - PB
2019**

ROSEANNE MIKAELLE PEREIRA DE OLIVEIRA

A DINÂMICA DOS HOMICÍDIOS NA PARAÍBA

Artigo Científico apresentado ao Curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Gestão Pública.

Orientador: Professor Dr. José Maria Pereira da Nóbrega Júnior.

**SUMÉ - PB
2019**

O482d Oliveira, Roseanne Mikaelle Pereira de.
A dinâmica dos homicídios na Paraíba. / Roseanne Mikaelle
Pereira de Oliveira. - Sumé - PB: [s.n], 2019.

27 f.

Orientador: Professor Dr. José Maria Pereira da Nóbrega Júnior.

Artigo Científico - Universidade Federal de Campina Grande;
Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso
Superior de Tecnologia em Gestão Pública.

1. Homicídios na Paraíba. 2. Violência homicida. 3. Segurança
pública. 4. Crime violento. 5. Mortes por agressão. I. Nóbrega
Júnior, José Maria Pereira da. II. Título.

CDU: 343.61(045)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

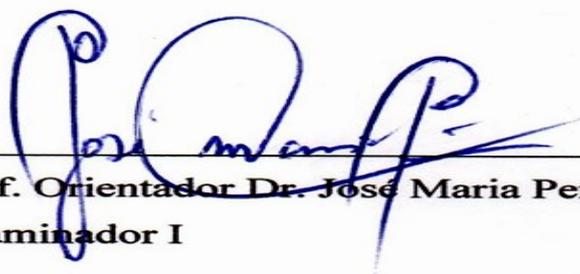
Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista
CRB-15/626

ROSEANNE MIKAELLE PEREIRA DE OLIVEIRA

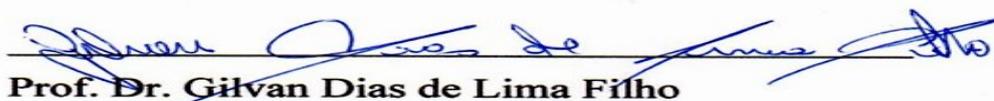
A DINÂMICA DOS HOMICÍDIOS NA PARAÍBA

Artigo Científico apresentado ao Curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Gestão Pública.

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Orientador Dr. José Maria Pereira da Nóbrega Júnior
Examinador I



Prof. Dr. Gilvan Dias de Lima Filho
Examinador II



Prof. Msc. Allan Gustavo Freire da Silva
Examinador III

Trabalho aprovado em: 04 de dezembro de 2019.

AGRADECIMENTOS

A Deus, a Ele a honra, a glória e o louvor, pela dádiva da vida, por estar comigo em todos os momentos e me permitir chegar até aqui.

Aos meus pais, Raimundo Rodrigues de Oliveira e Marineirde Pereira de Oliveira, por estarem sempre ao meu lado, pelas orações, pelo amor, dedicação, apoio e por serem minha paz diante das dificuldades.

A minha irmã Rosanne Oliveira, pela preocupação, amor, amizade e por sempre estar ao meu lado.

A meu namorado Reginaldo Queirós, pela paciência, cuidado, atenção, apoio, incentivo e por ser amor e segurança em minha vida.

Aos meus avós, José Pereira, Francisca Pureza e Josefa Bezerra, por acreditarem em mim e sempre estarem na torcida pela minha vitória.

A minha amiga e companheira de graduação Manuela Gomes, pela disposição sempre em me ajudar e pelo carinho.

E por fim, e não menos importante, ao meu professor, Dr. José Maria Pereira da Nóbrega Jr., pelas orientações, paciência e incentivo. A você minha gratidão.

Obrigada!

RESUMO

O presente trabalho teve o objetivo, além de analisar a dinâmica estatística dos dados de homicídios na Paraíba, de testar algumas variáveis ditas clássicas por parte da literatura que estuda o crime violento. Partiu-se de um referencial teórico econômico para a escolha das variáveis socioeconômicas do estudo. Testou-se através do método estatístico de correlação de Pearson, teste este que mede o nível de associação entre duas variáveis, uma dependente (taxas de homicídios) e outra independente (variável socioeconômica), tal nível de associação. A hipótese testada foi se os indicadores socioeconômicos têm algum nível de associação com as taxas de homicídios, esperado pela literatura. Constatou-se que os níveis de desemprego e de concentração de renda estão associados a mais violência e que os indicadores de escolaridade tiveram efeito inverso ao sinal esperado pela correlação. Portanto, comprovou-se que esses indicadores socioeconômicos são relevantes para o controle da criminalidade violenta na Paraíba.

Palavras-chave: Homicídios, mortes por agressão, indicadores, socioeconômicos, violência, Paraíba.

ABSTRACT

The present work had the objective, besides analyzing the statistical dynamics of homicide data in Paraíba, to test some so-called classic variables by the literature that studies violent crime. It was based on a theoretical economic reference for the choice of the socioeconomic variables of the study. Pearson's statistical correlation method was tested, which measures the level of association between two variables, one dependent (homicide rates) and one independent (socioeconomic variable), such level of association. The hypothesis tested was whether socioeconomic indicators have any level of association with homicide rates, as expected in the literature. It was found that levels of unemployment and income concentration are associated with more violence and that education indicators had an inverse effect to the sign expected by the correlation. Therefore, it was proved that these socioeconomic indicators are relevant for the control of violent crime in Paraíba.

Keywords: Homicides. Aggression deaths. Indicators. Socioeconomic. Violence. Paraíba.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 METODOLOGIA.....	09
3 TEORIAS SOCIAIS DO CRIME, DA VIOLÊNCIA E DOS HOMICÍDIOS.....	11
3.1 TEORIAS DO CRIME	12
3.2 OS FATORES IMPULSIONAM O ACRÉSCIMO/DECRÉSCIMO DOS HOMICÍDIOS.....	14
4 A DINÂMICA DOS HOMICÍDIOS NA PARAÍBA.....	15
5 OS TESTES CAUSAIS DAS VARIÁVEIS INDEPENDENTES SOCIOECONÔMICAS.....	19
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS.....	27

1 INTRODUÇÃO

A violência homicida está relacionada ao comportamento humano, desde a antiguidade esse comportamento tem ocorrido, em outras palavras este tipo de violência encontra-se em nossa sociedade há muito tempo, não podendo ser caracterizada como algo recente, a qual não tenhamos contato. A violência é algo que nos acomete em todas as regiões de nosso país e é um fato que necessita de análise e discussão para um melhor entendimento de causa e busca pela melhoria em nosso sistema de segurança pública.

No Brasil, muito tem se falado em segurança pública nos últimos tempos. O assunto tem sido tema de debates, palestras, discursos políticos, eventos jurídicos e acadêmicos. Isso porque o direito de ir e vir parece ser cada vez mais utópico diante de tamanha violência que acomete os municípios e estados brasileiros. As pessoas vivem com uma sensação constante de insegurança, medo e opressão.

A segurança é direito social, fundamental e inviolável de todo cidadão brasileiro. Nossa Carta Magna equipara esse direito ao direito à vida, à liberdade e à igualdade, sendo assim, condição basilar para o exercício da cidadania. O Estado, através dos órgãos elencados no artigo 144 da Constituição Federal, é o principal responsável em buscar medidas para que seja concretizado o direito à segurança.

Mesmo a penalidade para a violência homicida sendo alta, tanto na forma de homicídio simples (Art 121. Matar alguém: Pena – reclusão, de seis a vinte anos), como na forma de homicídio qualificado com pena – reclusão, de doze a trinta anos. Os números dos crimes de homicídio têm crescido em todo o Brasil.

A Paraíba têm 223 municípios, divididos em diversas regiões. Segundo Nóbrega Jr (2009) nenhum deles teve menos de cinco homicídios no ano de 2009. As taxas por cem mil habitantes dos municípios sempre superam os 10/100 mil. Os municípios de Cabedelo (84,83), Bayeux (83,16) e Aroeiras (70,98) são aqueles mais violentos em termos de taxas por 100 mil. Todavia, João Pessoa e Campina Grande, são os municípios mais violentos em números absolutos. Também são as cidades mais populosas e urbanizadas da Paraíba, o que contribui para o incremento nesses números. A Paraíba vem apresentando dados alarmantes de homicídios.

Há muitos anos os pesquisadores vêm tentando explicar a criminalidade, diversas teorias têm encontrado respostas positivas para esses acontecimentos sociais, qualidade das

políticas públicas, desigualdade social e econômica, ineficácia das instituições coercitivas, são alguns dos fatores que estão entrelaçados ao acréscimo/redução da criminalidade.

O referido artigo tem como intuito desenhar o perfil estatístico da vítima de mortes por agressão, sendo movido pelo propósito de detalhar as características e entender porque determinado grupo se encontra nessa classificação de maior quantificador de casos de homicídios na Paraíba, Este resultado se dará através de pesquisas embasadas nos dados retirados do Sistema de Informação de Mortalidade do Sistema Único de Saúde (DATASUS) e do Núcleo de Estudos da Violência da UFCG (NEVU).

Tendo esta finalidade, tomo como objetivo geral avaliar a dinâmica dos homicídios na Paraíba e avaliar algumas causalidades apontadas pela literatura econômica do crime, abrangendo este objetivo a alguns objetivos tidos como mais específicos dentro desta pesquisa, que caracterizam-se por analisar os dados de mortes por agressão do Sistema de Informação de Mortalidade do DATASUS; analisar o estado da arte sobre causas do crime violento; elencar variáveis para aplicação de estudo quantitativo sobre as causas do crime violento de homicídios; construir uma hipótese teórica falsificável para o teste de causalidade ou de associação entre as variáveis dependentes e independentes; testar a hipótese teórica e avaliar os resultados do teste empírico.

2 METODOLOGIA

O nosso foco é desenhar o perfil estatístico da vítima de mortes por agressão entre os anos 2007-2017, bem como o teste causal da relação dos homicídios como proxy de violência com alguns indicadores socioeconômicos clássicos. Os dados disponíveis são oriundos do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), sistema este gerido pelo Departamento de Análise de Situação de Saúde, da Secretaria de Vigilância em Saúde, em conjunto com as Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde.

As Secretarias de Saúde coletam as Declarações de Óbitos dos cartórios e entram, no SIM, as informações nelas contidas. Uma das informações primordiais é a causa básica de óbito, a qual é codificada a partir do declarado pelo médico atestante, segundo regras estabelecidas pela Organização Mundial de Saúde.

A partir de 1996, as declarações de óbito passaram a ser codificadas utilizando-se a 10ª Revisão da Classificação Internacional de Doenças - CID-10. Até então, era utilizada a 9ª Revisão - CID-9. Devido às diferenças entre as revisões, não foi possível gerar uma lista que as compatibilizasse.

Em 2011, houve uma mudança no conteúdo da Declaração de Óbito, com maior detalhamento das informações coletadas. Para este ano, foram utilizados simultaneamente os dois formulários.

A Descrição das variáveis disponíveis para tabulação no Sistema de Informações de Mortalidade coleta aproximadamente 40 variáveis das declarações de óbito, sendo várias delas específicas para óbitos fetais e de menores de 1 ano. No módulo de Causas Externas, O DATASUS e a SVS disponibilizam através da Internet as informações para tabulação sobre as Bases de Dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM):

- Óbitos por ocorrência Número de óbitos ocorridos, contados segundo o local de ocorrência do óbito.
- Ano do Óbito Ano de ocorrência do óbito. Estão disponíveis os dados a partir de 1979.
- Sexo Sexo do falecido (masculino, feminino e ignorado).
- Faixa Etária: Faixa etária do falecido, nas seguintes categorias: Menor 1 ano, 1 a 4 anos, 5 a 9 anos, 10 a 14 anos, 15 a 19 anos, 20 a 29, 30 a 39, 40 a 49, 50 a 59, 60 a 69 e 70 a 79 anos, 80 anos e mais, Idade ignorada.
- Cor/raça: Cor/raça do nascido, conforme as seguintes categorias: Branca, Preta, Amarela, Parda, Indígena, Ignorado. Nota: informação disponível somente a partir de 1996.
- Escolaridade: Escolaridade/grau de instrução do falecido, nas seguintes categorias: Nenhuma, 1 a 3 anos, 4 a 7 anos, 8 a 11 anos, 12 anos e mais, 1 a 8 anos, 9 a 11 anos, Ignorado. A existência de categorias com diferentes critérios ou que se sobrepõem deve-se a alterações nos formulários ao longo do tempo.
- Estado civil: Estado civil do falecido, nas seguintes categorias: Solteiro, Casado, Viúvo, Separado judicialmente, Outro, Ignorado.
- Local ocorrência: Local de ocorrência do óbito, nas seguintes categorias: Hospital, Outro estabelecimento de saúde (a partir de 1998), Domicílio, Via pública, Outros, Ignorado.

Os indicadores para o teste das relações causais foram os seguintes:

GINI

- Mede o grau de desigualdade existente na distribuição de indivíduos segundo a renda domiciliar per capita. Seu valor varia de 0, quando não há desigualdade (a renda domiciliar per capita de todos os indivíduos tem o mesmo valor), a 1, quando a

desigualdade é máxima (apenas um indivíduo detém toda a renda). O universo de indivíduos é limitado àqueles que vivem em domicílios particulares permanentes.

% ESCOLARIDADE

- Razão entre a população de 18 anos ou mais de idade que concluiu o ensino fundamental, em quaisquer de suas modalidades (regular seriado, não seriado, EJA ou supletivo) e o total de pessoas nesta faixa etária multiplicado por 100.

% DESOCUPAÇÃO

- Percentual da população economicamente ativa (PEA) nessa faixa etária que estava desocupada, ou seja, que não estava ocupada na semana anterior à data do Censo mas havia procurado trabalho ao longo do mês anterior à data dessa pesquisa.

Variável dependente: taxas de homicídios calculadas por 100 mil habitantes conforme (NÓBREGA JR., 2017).

Variáveis independentes: os indicadores socioeconômicos apontados e definidos acima.

3 TEORIAS SOCIAIS DO CRIME, DA VIOLÊNCIA E DOS HOMICÍDIOS

Homicídio é o ato de matar uma pessoa, quer seja de forma voluntária ou involuntária. No Código Penal Brasileiro, o homicídio é abordado nos artigos 121 a 128 e está incluído nos crimes contra a pessoa e no capítulo dos crimes contra a vida.

Homicídio preterintencional ou preterdoloso se enquadra no âmbito dos homicídios involuntários e ocorre quando não existe intenção de matar, apenas de causar lesão. Por esse motivo, considera-se que existe dolo indireto, porque a lesão infligida foi a causa da morte.

Para Capez (2011, p. 54), não há crime gratuito ou sem motivo. É no motivo que reside o valor social. Nas palavras dele:

Para regular e individualizar a medida de pena, não basta averiguar o valor psicológico do réu, a maior ou menor intensidade do dolo ou quantidade do dano ou perigo de dano; é imprescindível ter-se em conta a qualidade dos motivos impelentes. Conclui-se, portanto, que todo e qualquer crime tem um móvel propulsor que pode ser socialmente adequado ou não. O legislador, considerando que certas motivações que impelem o agente à prática criminosa estão de acordo com a moral média da sociedade, elevou à categoria de homicídio privilegiado os crimes cometidos por relevante valor moral ou relevante valor social.

As pesquisas sobre as causas da criminalidade e da violência passaram por uma evolução. As primeiras pesquisas sobre as explicações da criminalidade buscavam encontrar uma explicação geral para o comportamento do criminoso. Encontrando tal explicação e

cortando-a estaria livre a sociedade de práticas criminosas. “Tais perspectivas se traduziam menos em teorias explicativas sobre a criminalidade e mais em panacéias que alimentavam o discurso de teólogos, reformadores e médicos da época” (Cerqueira e Lobão, 2004: 235).

Cesare Lombroso (1835-1909) contruiu uma (ciência) que rivalizava com a *Escola Clássica*, destacavam um determinismo biológico na prática criminal (criminoso nato), ao contrário da *Escola Clássica* que define a ação criminosa em termos legais, enfatizando a liberdade individual. A teoria de Lombroso afirmava que os criminosos eram indivíduos que reproduziam física e mentalmente aspectos primitivos do homem, dando assim condições ao criminologista analisar os indivíduos através de dados antropométricos, apontando pessoas que hereditariamente, estariam inclinadas a prática de determinados crimes Alvarez (2002, apud Nóbrega Jr. 2010: 30-31)

3.1 TEORIAS DO CRIME

Não é de hoje a prática do crime na nossa sociedade, no entanto, nos últimos anos suas taxas vêm aumentando grandiosamente, e vários autores com suas teorias tentam explicar as causas que levam o ser humano a praticar esses crimes.

Segundo Nóbrega Jr. (2012: 29):

Nos últimos trinta anos o crescimento da violência medida pelas taxas de homicídios praticamente triplicou. No início da década de oitenta a taxa de homicídio nacional não ultrapassava 12 por 100.000 habitantes. Em 2000 a taxa nacional foi de 30 homicídios por 100.000 habitantes. Com a inflação controlada, a possibilidade de empregabilidade real crescente e com a macroeconomia brasileira caminhando a passos largos, a criminalidade violenta passou a ser um dos principais problemas sociais e políticos enfrentados pelos governantes brasileiros.

Apesar de considerar causas sociais como sendo passíveis de influenciar os indivíduos à prática de crimes, Lombroso “nunca abandonou o pressuposto de que as raízes fundamentais do crime eram biológicas e que poderiam ser identificadas a partir dos estigmas anatômicos dos indivíduos. Em termos gerais, reduziu o crime a um fenômeno natural ao considerar o criminoso, simultaneamente, como um primitivo e um doente” (Alvarez, 2002: 679).

Segundo a teoria de Cano e Soares (2002, apud Nóbrega Jr. 2010: 31), é possível distinguir algumas importantes abordagens sobre teorias das causas do crime dividindo-as em cinco grupos: 1) teorias que tentam explicar o crime em cima de patologias individuais dos criminosos; 2) teorias que estão direcionadas ao *homo economicus*, ou seja, o crime sendo efetivado por atores sociais que racionalizam suas ações em cima de certas estratégias

voltadas a maximização das ações; 3) teorias que se voltam para o crime como sendo o resultado de uma realidade de injustiças sociais; 4) teorias que percebem o crime como resultado da desorganização social ocasionada pela modernidade e 5) teorias que explicam a criminalidade dentro de um contexto de oportunidades e situações específicas (Cano e Soares, 2002: 3).

Porém, irei falar resumidamente sobre algumas dessas teorias: a Teoria da Desorganização Social, a Teoria do Aprendizado Social, a Teoria do Autocontrole, a Teoria da Anomia e a Teoria Econômica ou da Escolha Racional.

A Teoria da Desorganização Social, seguindo a análise de Cerqueira e Lobão (2004) os estudos baseados nessa teoria relacionam negativamente o crime com coesão social. Problemas relacionados ao colapso demográfico, à urbanização descontrolada e ao desajuste social provocado por diversos fatores externos (espaços urbanos deteriorados, tráfico e consumo de droga sem espaços abandonados pelo poder público, formação de grupos de jovens delinquindo etc.) e internos (ambientes familiares desajustados, falta da figura paterna, violência doméstica etc) estariam na raiz da violência e da delinquência, bem como da criminalidade.

A teoria do controle social busca entender porque algumas pessoas se abstêm em praticar delitos. “Quanto maior o envolvimento do cidadão no sistema social, quanto maiores forem os seus elos com a sociedade e maiores os graus de concordância com os valores e normas vigentes, menores seriam as chances de esse ator se tornar um criminoso” (Cerqueira e Lobão, 2004: 242).

Gottfredson e Hirschi (1990) foram os elaboradores da teoria do autocontrole. Adeptos de uma visão sociológica que retoma o tema da formação individual na infância em sua interação face-a-face (Berger & Luckmann, 2005), Gottfredson e Hirschi (1990) afirmaram que o que diferencia os indivíduos que tem comportamentos desviantes ou vícios de outros sem tais comportamentos, é o fato dos primeiros não terem desenvolvido mecanismos psicológicos de autocontrole na fase entre os 2 ou 3 anos até a fase pré-adolescente.

A teoria da anomia tem forte caráter psicológico. Baseia-se na frustração que o indivíduo tem em face de suas defasagens socioeconômicas. Merton (1938) asseverou que a delinquência decorreria da impossibilidade de o indivíduo atingir metas desejadas por ele, sobretudo as de caráter econômico. “O processo de anomia ou tensão decorreria da diferença entre as aspirações individuais e as reais possibilidades de realização das mesmas” (Cerqueira e Lobão, 2004: 245).

Os estudos baseados em teorias que tem como base a economia (estrutura econômica) ou a Escolha Racional (ER) tiveram como ponto de partida teórico o trabalho seminal de Gary Becker (1968) “Crime and Punishment: an Economic Approach”. Por essa teoria o ato criminoso decorreria de uma avaliação racional do indivíduo em torno de uma cesta de oportunidades entre o mercado formal e o mercado informal (ou ilícito). A decisão do indivíduo de cometer ou não o crime estaria atrelada a um processo de maximização de utilidade esperada. O indivíduo, dentro do quadro de oportunidades disponíveis, racionalizaria os potenciais ganhos resultante da ação criminosa, o valor da punição e as probabilidades de detenção associadas, também, ao custo de se cometer o delito. O parâmetro utilizado seria o confronto entre o salário que o indivíduo poderia receber no mercado formal (levando em consideração sua formação, posição social, etc.) e o salário percebido no mercado informal ou ilegal.

Broken Windows tem como base a falta de autoridade, de ordem nos espaços públicos. Esses espaços se tornam grandes para a prática de delitos quando há ausência de autoridade por parte das instituições. As “janelas quebradas” seriam o ambiente abandonado pelo poder público que geraria espaços oportunos de práticas desordeiras ou delituosas, das janelas quebradas (pequenas incivildades), foram gerando espaços amplos de descaso de onde, das janelas quebradas, o resto da casa fora completamente abandonado. Essas pequenas incivildades geraram os delitos menores e roubos e desses o crime mais violento, como os homicídios.

3.2 OS FATORES QUE IMPULSIONAM O ACRÉSCIMO/DECRÉSCIMO DOS HOMICÍDIOS

Corriqueiramente as matérias publicadas em jornais de maior circulação, tem mostrado que as drogas são um dos maiores motivos para os homicídios. A capital João Pessoa e em segundo o Sertão da Paraíba, têm um índice crescente de drogas. No sertão, principalmente nas cidades de São Bento e Patos tem aumentado o número de homicídios consideravelmente. Isto acontece porque o tráfico de drogas, comércio ilegal de armas, roubos e assaltos tem um potencial maior em cidades do sertão, pois tem-se uma maior facilidade em levantar recursos advindos dos roubos e assalto, visto que, desta forma, os homicídios encaminham para o crescimento, pois tendo a marginalidade um maior poder aquisitivo, somado a formação de grupos organizados de criminosos, cada vez mais fácil é o

recrutamento de agentes ilícitos, ficando mais fácil suas atividades criminosas, mas isto pode ser controlado com a implementação de políticas públicas de segurança.

Para (Mendonça 2000), fatores ligados à desigualdade social seriam um dos agravantes para a criminalidade, essa hipótese foi testada e confirmada.

Cerqueira, Lobão e Carvalho (2007, apud Nóbrega Jr. 2012: 32) demonstram haver relação entre a ineficácia da atuação das instituições coercitivas e o crescimento dos homicídios. Para os autores a inoperância do sistema de justiça criminal mina um dos principais pilares do estado de direito. Este relacionado à capacidade de responsabilização horizontal (accountability). Ou seja, fazer cumprir as relações contratuais entre indivíduos e entre estes e as instituições.

Além de Ferreira et *alli* (2009), Khan e Zanetic (2009, apud Nóbrega Jr. 2012: 34) mostram as prefeituras como ator político relevante no confronto da criminalidade violenta. A *lei seca*, por exemplo, é uma política de inibição de ingestão de álcool com impacto positivo na diminuição das taxas de criminalidade. Há uma forte correlação entre ingestão de bebidas alcoólicas e a prática de ações agressivas, dentre eles as mortes por agressão/homicídios. A proximidade de armas de fogo, com as bebidas alcoólicas são um dos mais importantes fatores criminógenos, o que potencializa ainda mais a violência (PARKER et *alli*, 1988; NORSTROM, 1998; MARKOWITZ, 2000; EXUM, 2002; DUQUE et *alli*, 2004; WAGENAAR, 2005 apud KAHN e ZANETIC, 2009: 97).

Alguns estudiosos afirmam que o desenvolvimento econômico é a variável fundamental para a redução ou crescimento dos homicídios. Shichor (1985, apud SOARES, 2008), mostrou uma leve tendência à diminuição das taxas de homicídios à medida que os países se desenvolvem.

4 A DINÂMICA DOS HOMICÍDIOS NA PARAÍBA

O nosso foco é desenhar o perfil estatístico da vítima de mortes por agressão, no estado da Paraíba entre os anos 2007-2017.

Tabela 1 – Óbitos por ocorrência por cor/raça e ano do óbito (2007-2017)

Cor/raça	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	Total
Branca	149	199	190	189	235	296	285	277	308	295	312	2735
Preta	36	50	60	57	91	70	51	88	82	74	71	730
Amarela	2	3	1	3	1	1	-	-	1	1	3	16
Continua												
Cor/raça	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	Total
Indígena	3	3	2	2	3	2	2	-	5	1	4	27
Ignorado	126	99	101	187	186	224	270	253	236	209	49	1940
Total	2143	2480	2728	2892	3077	3193	3264	3177	3240	3152	3066	32412

Fonte: MS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM

Conforme demonstrando na tabela 1, o SIM/DATASUS mostra os óbitos por raça nos anos de 2007-2017, os maiores números de homicídios são com pessoas da cor da pele parda e isso ocorre em todos os anos com diferença notável das outras raças, a porcentagem é de 83,2% pardos. Notamos também que nos anos entre 2007 e 2013 subiu continuamente esse índice e entre 2013 e 2017 houve oscilações.

Tabela 2 – Óbitos por ocorrência por escolaridade e ano do óbito (2007-2017)

Escolaridade	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	Total
Nenhuma	119	185	183	155	134	154	147	128	86	87	100	1478
1 a 3 anos	209	320	456	280	365	403	449	336	227	175	189	3409
4 a 7 anos	191	281	373	310	240	331	336	268	290	187	181	2988
8 a 11 anos	65	92	108	107	112	164	161	139	136	64	105	1253
12 anos e mais	23	37	45	34	45	66	43	45	57	47	46	488
Ignorado	1536	1565	1563	2006	2181	2075	2128	2261	2444	2592	2445	22796
Total	2143	2480	2728	2892	3077	3193	3264	3177	3240	3152	3066	32412

Fonte: MS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade - SIM

Na tabela 2, quanto ao nível de escolaridade há um sério problema em correlacionar com os homicídios, pois os dados ignorados são bem altos, com 70,3% dos números absolutos, mas percebe-se que as mortes por agressão tendem a diminuir quando os anos de escolaridade são maiores que os quatro anos de sala de aula. Em termos percentuais, houve uma queda de 9% no índice.

Tabela 3 – Óbitos por ocorrência por sexo e ano do óbito (2007-2017)

Sexo	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	Total
Masc	1831	2148	2393	2534	2664	2733	2797	2737	2746	2653	2567	27803
Fem	310	332	333	358	413	460	466	439	489	498	499	4597
Ign	2	-	2	-	-	-	1	1	5	1	-	12
Total	2143	2480	2728	2892	3077	3193	3264	3177	3240	3152	3066	32412

Fonte: MS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM

Na tabela 3, vemos que a maioria das mortes de violência homicida teve como vítimas os homens. Há uma grande dissemelhança dos homicídios entre homens e mulheres, sem exceção, em todo os anos de pesquisa do trabalho os homens são mais vitimados. De um total de 32412 homicídios, 27803, ou 85,78% deles, vitimaram pessoas do sexo masculino, 4597, ou 14,20% foram mulheres. E ignorados foram apenas 12, ou 0,037%.

Tabela 4 – Óbitos por ocorrência por faixa etária e ano do óbito (2007-2017)

Faixa Etária	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	Total
Menor 1 ano	5	8	10	8	14	13	13	11	16	12	15	125
1 a 4 anos	26	34	30	31	23	19	33	28	21	20	19	284
5 a 9 anos	36	34	36	25	32	15	25	19	18	25	15	280
10 a 14 anos	54	48	56	54	65	49	59	55	38	54	38	570
15 a 19 anos	246	289	351	342	379	440	403	388	377	346	334	3895
20 a 29 anos	629	727	853	938	970	960	970	912	898	786	786	9429
30 a 39 anos	441	487	533	591	625	641	659	665	635	596	581	6454
40 a 49 anos	268	322	343	363	380	403	412	401	448	442	437	4219
50 a 59 anos	146	224	206	233	226	217	248	245	296	286	280	2607
60 a 69 anos	131	145	123	126	151	176	166	180	177	206	202	1783
70 a 79 anos	72	80	74	87	97	116	109	108	145	167	125	1180
80 anos e mais	73	70	88	75	106	144	165	157	165	211	233	1487
Idade ignorada	16	12	25	19	9	-	2	8	6	1	1	99
Total	2143	2480	2728	2892	3077	3193	3264	3177	3240	3152	3066	32412

Fonte: MS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade - SIM

Na tabela 4, seguindo a tendência nacional, os grupos mais vitimados por homicídios são os jovens e do sexo masculino. Os jovens estão diretamente envolvidos na criminalidade. Como demonstra a tabela, a faixa etária das vítimas está entre os 20 aos 29 anos de idade, equivalente a 29,1% das mortes. Somando a faixa etária de 30 a 39 anos de idade que é de 19,9% das mortes, o percentual sobe para 49% das vítimas entre 20 e 39 anos.

Tabela 5 – Óbitos por ocorrência por estado civil e ano do óbito (2007-2017)

Estado civil	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	Total
Solteiro	995	1261	1447	1329	1230	1287	1329	1291	1306	1230	1225	13930
Casado	421	527	553	489	487	540	501	495	541	550	533	5637
Viúvo	47	70	69	64	89	81	105	101	123	153	136	1038
Separado judicialmente	42	37	45	44	45	61	59	38	64	68	67	570
Outro	10	3	1	21	200	231	294	299	343	316	309	2027
Ignorado	628	582	613	945	1026	993	976	953	863	835	796	9210
Total	2143	2480	2728	2892	3077	3193	3264	3177	3240	3152	3066	32412

Fonte: MS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade - SIM

Ao observarmos a tabela 5, o estado civil é outra variável categórica interessante de ser analisada, como a escolaridade o estado civil também tem muitos dados ignorados são 28,4% que não tem como registro o estado civil. Mas a maioria dos dados registrados por esta variável apresenta os solteiros como os mais vitimados, com 42,98% dos casos.

Tabela 6 – Óbitos por ocorrência por local ocorrência e ano do óbito (2007-2017)

Local ocorrência	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	Total
Hospital	668	754	729	715	740	895	934	933	969	1048	1007	9392
Outro estabelecimento de saúde	3	1	2	-	3	-	2	7	8	5	18	49
Domicílio	275	276	330	345	360	345	365	349	378	361	386	3770
Via pública	661	798	1177	1420	1501	1390	1335	1350	1345	1240	1203	13420
Outros	516	614	464	376	459	543	604	533	536	494	443	5582
Ignorado	20	37	26	36	14	20	24	5	4	4	9	199
Total	2143	2480	2728	2892	3077	3193	3264	3177	3240	3152	3066	32412

Fonte: MS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM

Vimos aqui na tabela 6, a maioria dos homicídios mostrado na tabela no que diz respeito ao local de ocorrência, acontecem principalmente em vias públicas dos 32412 homicídios, 13420, ou seja 41,4% são em vias públicas, seguido dos hospitais com 9392 dos casos, ou seja 29%.

Tabela 7 – Municípios Paraibanos - mais violentos - (2007-2017)

Nº	Município	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	Total
1.	João Pessoa	690	769	853	926	999	973	976	934	934	914	862	9830
2.	Campina Grande	468	491	442	487	461	571	622	572	582	549	542	5787
3.	Santa Rita	89	85	91	114	144	158	172	126	136	128	111	1354
4.	Patos	62	108	119	121	103	136	132	121	138	90	107	1237
5.	Bayeux	53	53	72	71	59	54	64	56	45	36	37	600
6.	Sousa	27	53	55	57	74	49	40	49	69	63	48	584
7.	Cabedelo	29	15	46	74	83	69	47	27	30	33	29	482
8.	Cajazeiras	23	16	47	37	33	37	30	47	46	52	57	425
9.	Guarabira	23	29	21	33	34	42	42	35	35	54	47	395
10.	Sapé	27	32	31	28	47	36	27	41	37	33	52	391

Fonte: MS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade - SIM

A Paraíba possui 223 municípios, divididos em diversas regiões, na tabela 7, destacamos o ranking dos municípios mais violentos do estado, outra variável utilizada para fazer esse ranking foi o quantitativo populacional – nenhum desses municípios tem menos de dez mil habitantes -, e de óbitos por agressão – nenhum deles teve menos de 15 homicídios por ano, desde 2007-2017.

Temos as 10 cidades mais violentas da Paraíba, dessas cidades 5 estão situadas na região da Mata Paraibana, 3 no Sertão e 2 no Agreste. João Pessoa e Campina Grande, são os municípios mais violentos em números absolutos. João Pessoa – com 9830 óbitos (2007-2017) e Campina Grande – com 5787 óbitos (2007-2017). Também são as cidades mais populosas e urbanizadas da Paraíba, o que contribui para o incremento nesses números.

5 OS TESTES CAUSAIS DAS VARIÁVEIS INDEPENDENTES SOCIOECONÔMICAS

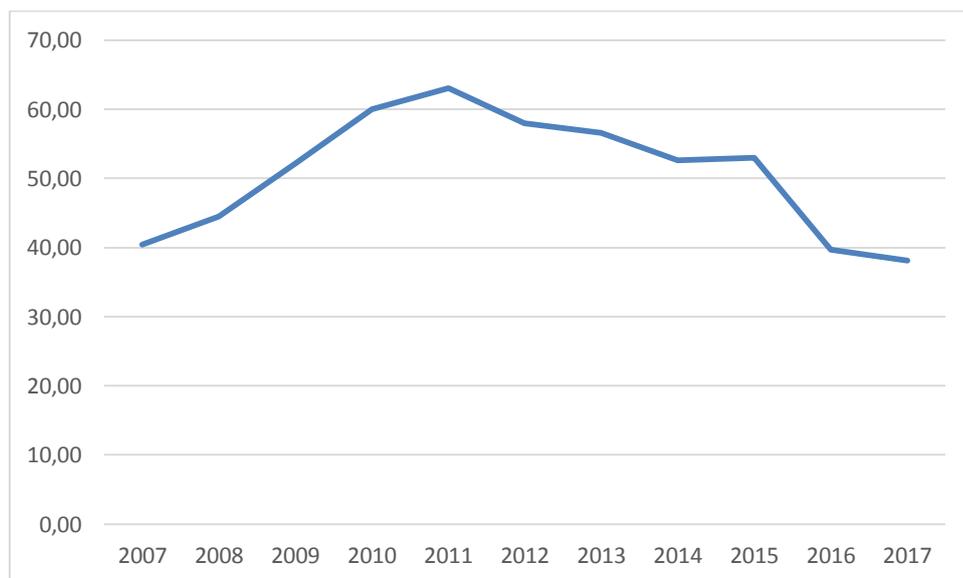
Nesta seção abordaremos os testes causais referenciados nos indicadores socioeconômicos escolhidos conforme a teoria que nos dá base e o desenho da pesquisa em sua seção metodológica. Inicialmente abordamos a descrição do crime de homicídio nas cidades de nossa amostragem para o teste causal, elas: Campina Grande, João Pessoa, Monteiro e Patos, cada qual representando as principais regiões da Paraíba.

Tabela 8 - Taxas de homicídios nas cidades paraibanas (2007/2017)

Municípios	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Campina Grande	32,8	33,0	39,6	48,5	45,9	44,8	51,5	43,1	41,7	36,5	41,4
João Pessoa	8	3	1	4	2	7	0	9	2	4	3
Pessoa	48,7	50,0	60,9	68,4	75,8	65,8	62,2	58,4	59,0	44,2	38,3
Monteiro	6,67	16,2	6,43	16,2	22,5	31,9	27,9	36,9	42,7	15,1	24,0
Patos	21,5	58,0	52,6	56,6	49,3	58,8	42,9	51,1	54,5	25,2	28,7
Total	40,4	44,4	52,1	59,9	63,1	57,9	56,5	52,6	53,0	39,7	38,1
	1	7	4	8	2	9	6	6	1	2	5

Fonte: NEVU (2019)

Podemos perceber que na tabela acima os índices de homicídios são primeiramente crescentes até 2011 e a partir de 2012 começa a declinar esse índice, em Monteiro encontramos as taxas menores e as maiores ficam nas cidades mais populosas, a exemplo de João Pessoa, Patos e Campina Grande também é bastante elevado esses números. A maior taxa dentre esses anos e essas cidades foi de 75,84 de 2011 na cidade de João Pessoa e o menor foi de 6,67 de 2007 em Monteiro.

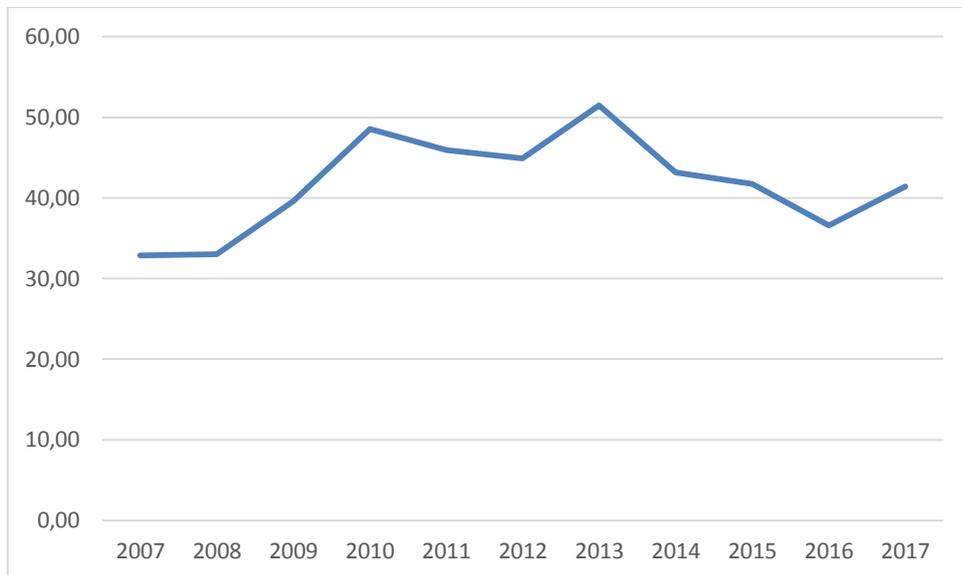
Gráfico 1 - Taxas de homicídios total das cidades da amostra

Fonte: NEVU (2019).

No gráfico 1, os números são crescentes até meados de 2011, a partir disso começa um leve declínio dessas taxas até o ano de 2014. Em 2014 até 2015 os índices ficam estáveis, em

2015 até 2016 tem uma queda nos índices bastante notável, e continua ao decréscimo até o último ano da análise (2017).

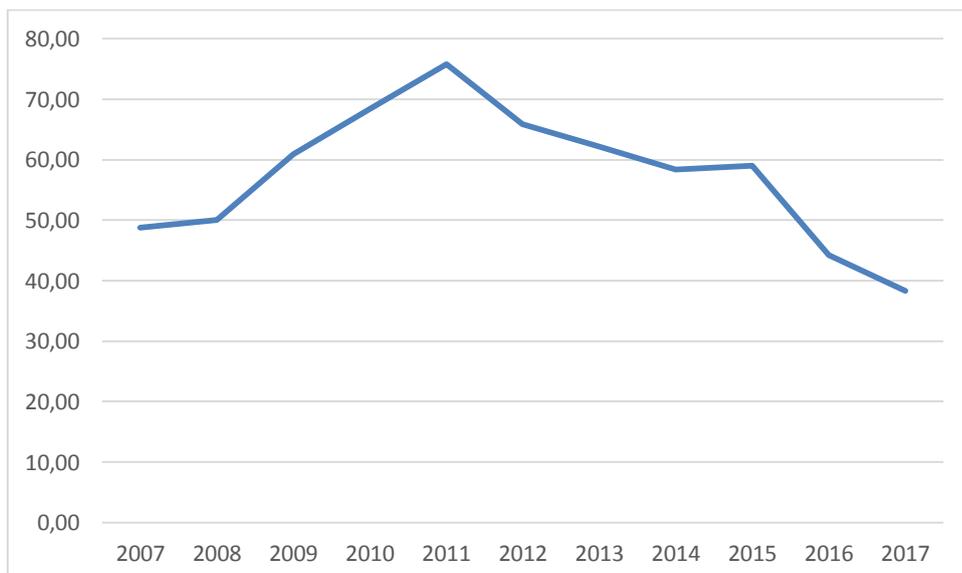
Gráfico 2 - Taxas de homicídios Campina Grande (2007/2017)



Fonte: NEVU (2019)

No gráfico 2, no ano de 2007 o índice era de 32,88, teve um aumento constante até 2010 ficando em 48,54, houve um declínio até 2012 ficando em 44,87 e prossegue com oscilações até o último ano da análise.

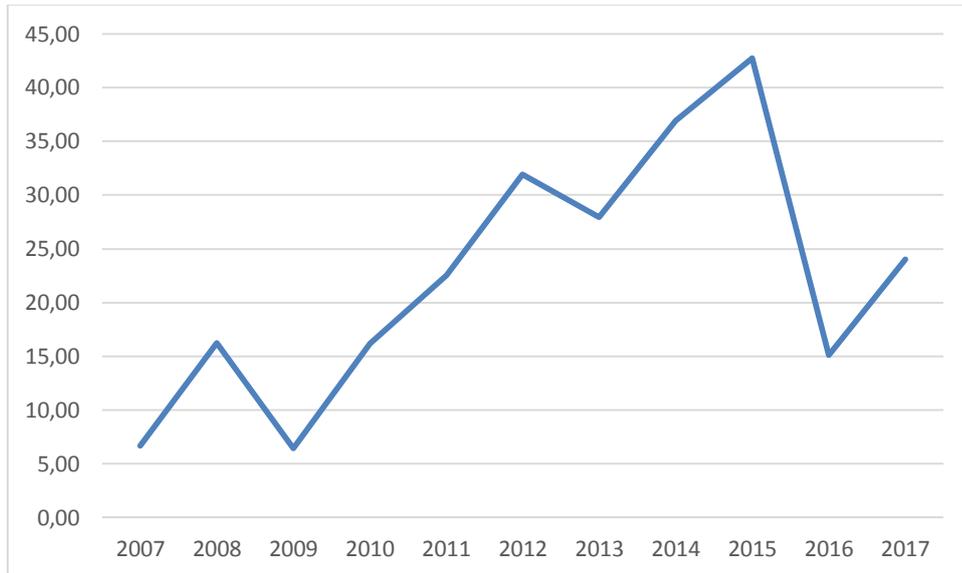
Gráfico 3 - Taxas de homicídios João Pessoa (2007/2017)



Fonte: NEVU (2019)

No gráfico 3 vimos que as taxas estão próximas aos 50, exatamente 48,76 e continua a subir até o ano de 2011 (75,84), a partir desse ano as taxas começam a decrescer até o ano de 2017 com 38,32.

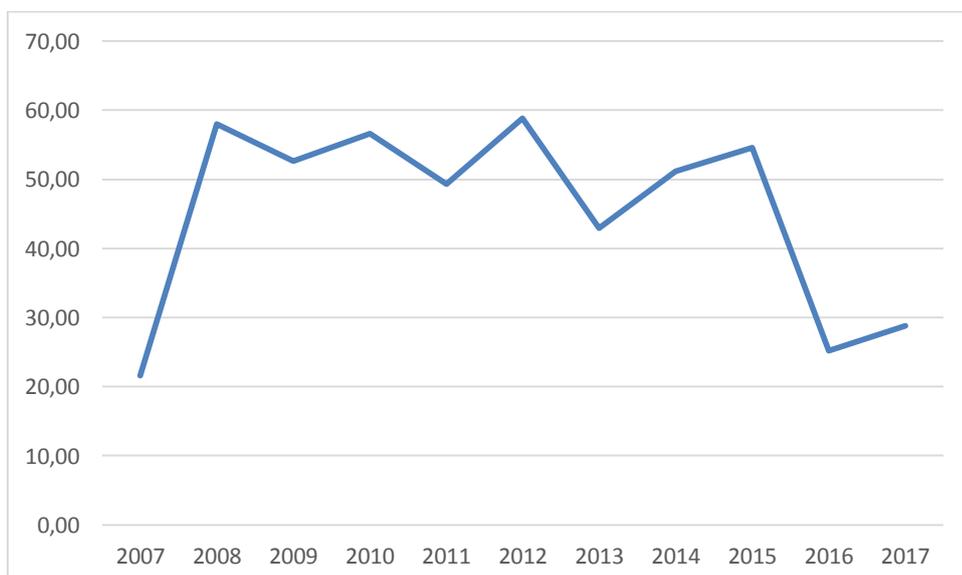
Gráfico 4 - Taxas de homicídios Monteiro (2007/2017)



Fonte: NEVU (2019)

Das cidades analisadas no ano de 2007-2017, Monteiro apresenta um índice inferior em relação as outras cidades, porém, chama a atenção o crescimento contínuo no decorrer dos anos, com pequenas oscilações nos anos 2008-2009, 2012-2013 e a mais significativa 2015-2016, com um declínio de mais de 50% em sua taxa, decorrente do aumento expressivo no ano de 2015.

Gráfico 5 - Taxas de homicídios Patos (2007/2017)



Fonte: NEVU (2019)

A cidade de Patos nos anos de 2007-2008 registrou seu maior aumento chegando a elevar duas vezes mais o seu índice em um curto espaço de tempo, no decorrer dos anos houve pequenas oscilações com destaque para o ano de 2016 quando teve sua maior queda chegando a 29,34 de diferença.

Agora vamos analisar os testes de variáveis/indicadores conforme o nosso desenho de pesquisa. A hipótese que se quer testar é se os indicadores de concentração de renda (GINI), nível de escolaridade (% de jovens com fundamental completo) e a taxa de desemprego (taxa de jovens desocupados na sociedade paraibana), variáveis socioeconômicas que se encostam na literatura econômica do crime (BECKER, 1968 APUD NÓBREGA JR., 2017), impactam na violência, medidas pelas taxas de homicídios nas cidades da Paraíba, na lógica que quanto melhores esses indicadores, menor será a violência. A hipótese nula é se a resposta da correlação for igual a zero (0).

Tabela 9 - Variáveis independentes (indicadores socioeconômicos) | Variável dependente (taxas de homicídios)

Municípios	GINI	% de 18 anos ou mais com fundamental completo	Taxa de desocupação - 18 a 24 anos	Taxas homicídios
Campina Grande	0,58	57,44	23,92	48,54
João Pessoa	0,62	66,25	23,69	68,42
Monteiro	0,57	34,43	9	16,21
Patos	0,56	49,27	16,72	56,61

Fontes: Atlas Brasileiro de Desenvolvimento Humano (2013). Taxas NEVU (2019)

Os indicadores de GINI demonstraram a seguinte descrição: maior concentração de renda em João Pessoa, pois quanto mais próximo o indicador fica de um (1), maior é a concentração de renda, com a menor concentração se dando em Patos. O melhor resultado no que tange aos dados de escolaridade foi o de João Pessoa que, apesar de concentrar mais a renda, apresentou o maior percentual de jovens escolarizados com 66,25% destes, enquanto Monteiro teve o pior indicador. Já no que tange a taxa de desemprego, Monteiro apresentou o menor indicador, com 9% de sua população desocupada e Campina Grande foi o que apresentou o pior resultado com praticamente 24% de taxa de desocupação. A variável dependente, as taxas de homicídios, apresentou a seguinte análise: João Pessoa como a cidade mais violenta da amostragem com uma taxa de homicídios de 68,4/100 mil e Monteiro com o melhor indicador de violência com uma taxa de 16,21/100 mil.

Para testarmos a hipótese que abre a discussão nesta seção, utilizaremos o modelo de Correlação de Pearson, ou seja, o coeficiente de correlação de Pearson (ou bivariada simples), que mede o grau de correlação e direção da correlação – se é positiva ou negativa – entre duas variáveis X e Y.

O coeficiente de correlação de Pearson é definido como:

$$r = \frac{\sum_{i=1}^n (x_i - \bar{x})(y_i - \bar{y})}{\sqrt{\left[\sum_{i=1}^n (x_i - \bar{x})^2 \right] \left[\sum_{i=1}^n (y_i - \bar{y})^2 \right]}}$$

Sejam x_1, x_2, \dots, x_n os valores de um conjunto de medidas em indivíduos $i = 1, \dots, n$.
Sejam y_1, y_2, \dots, y_n as outras medidas correspondentes.

A análise correlacional indica a relação entre duas variáveis lineares e os valores sempre serão entre +1 e -1. O sinal indica a direção, se a correlação é positiva ou negativa, e o tamanho da variável indica a força da correlação. Ele quantifica a força de associação linear entre duas variáveis, e, portanto, descreve quão bem uma linha reta se ajustaria através de nuvem de pontos.

Se os pontos caem exatamente sobre uma linha crescente, então $r = 1$, e se eles caem exatamente sobre uma linha decrescente, $r = -1$.

Neste caso a variável dependente são as taxas de homicídios por cem mil habitantes das cidades da amostragem da pesquisa, e as variáveis independentes são o índice de GINI, o percentual de jovens escolarizados e o percentual da taxa de desocupação. Os dados estão sumarizados na tabela 9, devidamente descrita e agora arrumados e cruzados na tabela 10 abaixo.

Tabela 10 - Correlação de Pearson entre as variáveis

correl gini/hom	correl escolaridade/hom	correl hom/desemprego
0,548	0,913	0,834

Fonte: NEVU (2019)

Os resultados dos testes estatísticos apresentaram os seguintes resultados:

1. A primeira correlação entre o índice de GINI e os homicídios apresentou correlação média e positiva, ou seja, a concentração de renda tem relação com o crescimento dos homicídios.
2. A segunda correlação apresentada demonstra que há um nível de, praticamente, associação perfeita entre nível de escolaridade e homicídios, ou seja, uma correlação positiva já que o dado percentual de escolaridade é crescente, o que difere da correlação com o indicador de concentração de renda apresentado na primeira correlação. Esta associação em específico demonstra que nível de escolaridade e homicídios estão correlacionados positivamente, então, uma correlação que parece paradoxal, pois esperamos que jovens mais educados apresente relação inversa com a violência e parece que este não é o caso.
3. A última correlação também apresentou o sinal esperado, ou seja, taxa de desemprego alta é igual a violência em alta também, já que o indicador de desemprego quando apresenta percentual menor é porque a ocupação no mercado de trabalho está sendo satisfatória. Portanto, quanto menor o desemprego, menor a sua associação com os homicídios, também respondendo positivamente a nossa hipótese.

O resultado desse teste de associação, nos revelou que parte da literatura econômica do crime acerta ao dizer que concentração de renda e desemprego está associado a níveis altos de violência. Já o indicador de educação formal de jovens, não apresentou o sinal esperado.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho teve como objetivo central avaliar a dinâmica dos homicídios na Paraíba e avaliar algumas causalidades apontadas pela literatura econômica do crime.

O estudo mostrou, que a maioria das vítimas de homicídios no que tange a cor da pele, são pardas. Os grupos mais vitimados são formados por jovens do sexo masculino, com nível de escolaridade baixo. Com destaque para os jovens entre 20 e 29 anos de idade, estado civil solteiro, na maior parte dos homicídios são acometidos em vias públicas e hospitais. E as

idades mais violentas da Paraíba são João Pessoa, Campina Grande, Santa Rita, Patos, Bayeux, Sousa, Cabedelo, Cajazeiras, Guarabira e Sapé (SIM/DATASUS).

Diante dos resultados do teste hipotético, foi comprovado em parte que é fundamental a desconcentração de renda e a melhoria dos indicadores de empregabilidade para o maior controle da violência. Já no que tange a escolaridade, o teste estatístico não respondeu positivamente ao que esperávamos teoricamente.

REFERÊNCIAS

ATLAS BRASILEIRO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO, ANO 2013. Dados secundários socioeconômicos.

BEUREN, Ilse Maria; RAUPP, Fabiano Maury. Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais. In: BEUREN, Ilse Maria (org). **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

CAPEZ, Fernando. Curso de Direito Penal: parte Especial. 11. ed. São Paulo: Saraiva, 2011.

CERQUEIRA, D. R. C. e LOBÃO, W. A. J. L. (2004), “Determinantes da Criminalidade: Arcabouços Teóricos e Resultados Empíricos” in Dados – Revista de Ciências Sociais, Vol. 47, nº 2, pp. 233-269.

DIAGNÓSTICO DOS HOMICÍDIOS NO BRASIL. Disponível em: <http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/Criminal/Investigacao_Criminal/Investigacao_Criminal_Estatisticas/RELATORIO-HOMICIDIOS-210x297mm-MJ-1.pdf> - SEÇÃO SOBRE AS CAUSAS DOS HOMICÍDIOS> Acesso em: 09 de outubro de 2019.

NÓBREGA JR., José Maria P. Violência homicida no Nordeste brasileiro: Dinâmica dos números e possibilidades causais. **DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social** – Vol. 10 – no 3 – SET/OUT/NOV/DEZ 2017 – pp. 553-572

EDUCAÇÃO PÚBLICA. Pesquisa: instrumento de investigação científica. Disponível em: <<https://educacaopublica.cederj.edu.br/artigos/16/7/pesquisa-instrumento-de-investigacao-cientifica>> Acesso em: 02 de julho de 2019.

GIL, Antonio Carlos. **MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA SOCIAL**. Disponível em: <<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf>>. Acesso em: 01 de julho de 2019.

IBGE (2010). **Panorama**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/panorama>> Acesso em: 02 de julho de 2019.

JUS BRASIL. **A crise da segurança pública e sua relação direta com o sistema carcerário brasileiro**. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/73359/a-crise-da-seguranca-publica-e-sua-relacao-direta-com-o-sistema-carcerario-brasileiro/3>> Acesso em: 02 de julho de 2019.

MUNDO EDUCAÇÃO. **Paraíba**. Disponível em: <<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/paraiba.htm>> Acesso em: 02 de julho de 2019.

NÓBREGA JR., José Maria P. **Homicídios no Nordeste: dinâmica, relações causais e desmistificação da violência homicida**. Ed. UFCG. Campina Grande, 2012.

NÓBREGA JÚNIOR, José Maria Pereira da. **Os Homicídios no Brasil, no Nordeste e em Pernambuco: dinâmica, relações de causalidade e políticas públicas**. 2010. 270 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciência Política, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

NÚCLEO DE ESTUDOS DA VIOLÊNCIA. Dados estatísticos secundários e cálculos de taxas de homicídios.

SENADO FEDERAL. **Diário do senado**. Disponível em: <<https://legis.senado.leg.br/diarios/BuscaPaginasDiario?codDiario=5171&seqPaginaInicial=110&seqPaginaFinal=110>> Acesso em: 23 de abril de 2019.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Airton Marques da. **METODOLOGIA DA PESQUISA**. Fortaleza - Ceará: Eduece, 2015.

SIM/DATASUS. Dados de Mortes por Agressão do banco de dados do Subsistema de Informações sobre Mortalidade do Sistema Único de Saúde do Ministério da Saúde. Brasil. Disponível em: <www.datasus.gov.br> Acesso em: 19 de maio de 2019.

SOARES, Gláucio Ary D. (2008), **Não matará. Desenvolvimento, desigualdade e homicídios**. Ed. FGV. Rio de Janeiro.

VILAR, Ademir da Costa. **HOMICÍDIO: CARACTERIZANDO E MAPEANDO**. 2013. 33 f. TCC (Graduação) - Curso de Especialização em Direito e Penal e Processual Penal, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2013.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. Metodologia da pesquisa. Florianópolis: SEaD/UFSC, 2006, 144p.